

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημαίνεται ὅτι ἡ ἀπόδοσις τῆς ἐπιγραφῆς ἐστὶν ἀποφασιστικὴ καὶ ἀπορροφῶσα τὴν ἀπόδοσιν τοῦ ἑξῆς ἑλληνικοῦ κειμένου. Ἡ ἀπόδοσις τῆς ἐπιγραφῆς ἐστὶν ἀποφασιστικὴ καὶ ἀπορροφῶσα τὴν ἀπόδοσιν τοῦ ἑξῆς ἑλληνικοῦ κειμένου.

ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

«Ritual, Commemoration, Values» (pp. 445-563), entra a fundo nas questões da religiosidade e na forma como esta determina e é determinada pela família, ao mesmo tempo que aborda a problemática das suas representações.

Em síntese, confirmando a qualidade a que a Blackwell já nos habituou, este «Companion» é mais um excelente instrumento de trabalho para os estudiosos da Antiguidade Clássica e deve marcar presença em todas as boas bibliotecas dedicadas ao assunto. A obra reúne os contributos de 32 autores, alguns especialistas reconhecidos nos seus campos de estudo, dos quais destacamos E. Cantarella (direito greco-romano), S. Dixon (mulher romana), J. F. Gardner (mulher e direito em Roma), M. Golden (criança grega), C. Laes (criança e jovens em Roma), D. Noy (estrangeiros e alteridade em Roma), D. Ogden (religião e mitologia grega, Alexandre e período macedónico) e C. Osiek (judaísmo e cristianismo antigos).

O livro inclui uma extensa bibliografia, glossário, mapas, figuras, respectivas legendas e índice misto.

Nuno Simões Rodrigues

RADCLIFFE G. EDMONDS III, *Redefining Ancient Orphism. A Study in Greek Religion*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 451 pp. ISBN 978-1-107-03821-9 (£70.00, US\$110.00)

Este livro deverá constituir-se dos melhores estudos alguma vez feitos sobre o orfismo. Nele, encontramos a recolha, a síntese e a reavaliação da informação coligida e tratada tanto pelos primeiros autores a dedicarem-se ao estudo dos órficos e da religião órfica, como pelos já «clássicos do orfismo» (e.g. Guthrie e Bernabé – aliás, abundantemente citado na bibliografia (23 títulos) e ao longo do texto, o que por si só expressa a qualidade do livro que temos em mãos, visto tratar-se de um autor anglófono que demonstra o conhecimento que tem dos seus pares, falantes de outras línguas, como o castelhano!).

Orfeu e o orfismo são elementos centrais na cultura grega, tanto quanto o facto de se identificarem com aspectos mitológicos, por um lado, mas também com um sistema religioso hoje mal conhecido mas que sabemos integrar-se nas religiões ditas de mistérios. Entre vários outros aspectos, o orfismo valorizava a culpabilidade humana (quase um pecado original relacionado com a morte de Dioniso) e a punição do mal numa vida além-túmulo e a posterior transmigração cíclica das almas para uma existência superior, como acontecia também no pitagorismo. O objectivo do crente era o de vir

a habitar a ilha dos Bem-Aventurados. Pelas semelhanças que encontramos com o dionisismo e o cristianismo e pelo papel que, sobretudo este, veio a ter na história do mundo antigo, avaliamos de imediato a importância do tema para os estudos da Antiguidade e, por consequência, do livro em revisão.

O A. começa por redefinir o conceito de «orfismo», tentando perceber o que os Antigos Gregos consideravam o entendiam por «órfico». Neste sentido, também se destaca o facto de aquele ser um conceito utilizado na Antiguidade, mas também uma categoria da filologia e da historiografia modernas, levando a ter em atenção a problemática do anacronismo no âmbito dos estudos órficos. Aliás, eis outro aspecto positivo do livro de Edmonds, o A. entra em diálogo com os seus pares, apresentando os argumentos alheios mas propondo teses alternativas, sem se descuidar nas razões por que o faz. Assim, em contraciclo (e.g. de Bernabé) e regressando às fontes em detrimento das categorias modernas e contemporâneas, o A. considera que «a redefinition of ancient Orphism requires a polythetic definition that accommodates the complexities of the ancient contexts rather than the sort of monothetic definition that identifies Orphism by its scriptures and doctrines» (p. 9). O A. põe assim em causa que um núcleo de doutrinas ou crenças possa, por si só, explicar um sistema religioso, exigindo-se, em contrapartida, uma contextualização dos dados no quadro geral do pensamento religioso que lhes deu origem (p. 395). Bastará recordar, e.g., que a natureza da religião grega era avessa a sistemas doutrinários que constituíssem fórmulas ortodoxas.

Neste sentido, revela-se também de particular importância a síntese incluída na parte I («Introduction: Definitions Old and New») e em que podemos ler do «Orphism through the ages. A History of Scholarship» (pp. 11-70), onde não faltam as leituras cristãs, medievais, neoplatónicas e renascentistas deste sistema religioso-filosófico.

As partes II e III («Orphic Scriptures or the Vaporings on Many Books?», pp. 95-191, e «Orphic Doctrines or the Pure from the Pure», pp. 195-391) centram-se sobretudo nas problemáticas da doutrina, através do que os textos dizem. Ganha assim particular destaque a exegese dedicada ao célebre Papiro Derveni que, além de ser o único livro antigo (sec. IV a.C.) alguma vez encontrado na Grécia, é tido como uma das principais, se não a principal mesmo, fontes para o estudo do orfismo por conter um poema religioso órfico. É igualmente importante o debate que mantém acerca das concepções e doutrinas de natureza órfica, como a questão da vida *post mortem*, da escatologia, da alma, o problema da culpa e do perdão, do sofrimento e da redenção, bem como da morte da divindade (Dioniso), associados ao orfismo. Ao inserirmos estes problemas no quadro conceptual acima enunciado, somos automaticamente advertidos da complexidade da problemática em

análise. É nisso (na metodologia) que o estudo de Edmonds é exemplar, independentemente de concordarmos ou não com as conclusões a que chega.

A uma bibliografia extensa e actualizada juntam-se índices temáticos e de passos citados, que valorizam em muito o livro em análise.

Trata-se de um estudo polémico, naturalmente, até pela natureza do discurso assumida pelo A. Mas é um trabalho indiscutivelmente bem documentado, apresentando aos seus leitores as ferramentas para a concordância ou o seu contrário. Teria sido interessante encontrar um capítulo autónomo em que se fizesse a comparação específica com outras religiões de mistérios da Antiguidade, designadamente o cristianismo, que, contudo, se vai insinuando ao longo do livro. Mas é claro que essa seria matéria para outra publicação. Aguardamo-la.

Nuno Simões Rodrigues

FIONA HOBDEN, *The Symposium in Ancient Greek Society and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 299 pp. ISBN 978-1-107-02666-7 (£60.00, US\$99.00)

Lançado no ano de 2013, este estudo de Fiona Hobden vem debruçar-se na análise da temática simposiaca. O *symposion* é uma temática que tem vindo a despertar um crescente interesse entre os classicistas em geral, quer pela sua complexidade, quer pelas múltiplas vias disponíveis para a sua análise. Mais do que um mero momento de partilha comunitária de bebida, o *symposion* era um espaço para as elites puderem consolidar e reforçar interesses políticos e sociais à margem de uma comunidade maior (p. 1).

Hobden diz-nos que a marca dos ritos simposiacos nos dias de hoje é visível especialmente nas manifestações artísticas do próprio tema que sobreviveram até à actualidade, nomeadamente na literatura e nas artes plásticas. Contudo, a Autora questiona a objectividade dessas mesmas representações, afirmando que estas podiam ser apenas uma parte da narrativa destinada a um certo tipo de público. Tal permite-nos concluir que estas representações são apenas conceptualizações de cariz abstracto que nos dão a sua visão sobre o tema, através de uma forte componente narrativa (pp. 2-3).

Depois desta consideração tecida sobre as representações artísticas do tema, a A. classifica o mesmo como uma miragem. Para ela, o *symposion* era um tema com uma complexidade que lhe era inerente. Este englobava tantos conceitos e ideias que era impossível criar uma definição estanque do tema. Assim, Hobden inicia a sua análise, tendo como suporte a literatura, na